

TRÊS TIPOS DE LEITORES: O CONTEMPLATIVO, O MOVENTE E O IMERSIVO

Maurício Canuto¹

RESUMO

Este artigo discute e põe em pauta que há novos tipos de leitores e modos de ler. No entanto, cabe ao profissional da educação reconhecer quais tipos de leitura seu aluno domina e a partir daí exercitar leituras que não sejam desinteressantes para seus alunos.

Palavras-chave: Tipos de leitores, modos de ler e alunos.

INTRODUÇÃO

Distinguimos o leitor do século XXI pela sua habilidade de ler, interpretar e decodificar variados signos. Na Idade Média, tínhamos um leitor meditativo de um texto/livro, de uma figura fixa. Já, após a massificação livresca, surgiu um leitor fragmentado, que vê e sente os estímulos do seu contexto.

Segundo Santaella (2004), existem diversos tipos de leitores. Antes de entrarmos na explicitação do perfil de cada um deles, é necessário entender que:

“o leitor do livro é o mesmo da imagem e este pode ser o leitor das formas híbridas de signos e processos de linguagem, incluindo nessas formas até mesmo o leitor da cidade e o espectador de cinema, TV e vídeo”. (SANTAELLA, 2004, p. 16)

Expandiu-se a forma de ler, entretanto, há uma reação contrária à expansão do emprego do termo “leitura”, que antes somente se restringia à leitura, à decifração de letras. Vêm-se incorporando, contudo, cada vez mais,

¹ Formado em Letras, pós-graduado em Língua Portuguesa e Literatura, especialista em Leitura pela Pontifícia Universidade Católica PUC-SP.
E-mail: mauricio.canuto@ig.com.br

as relações entre palavra e imagem, desenho e tamanho de tipos de gráficos, texto e diagramação. Além disso, com o surgimento, nos centros urbanos, da publicidade e da propaganda, o escrito inexplicavelmente unido à imagem, veio colocar-se diante de nossos olhos na vida cotidiana, muito embora as situações em que praticamos o ato de ler ocorram de modo tão automático que nem chegamos a nos dar conta disso.

O primeiro tipo, como já foi mencionado acima, é o leitor contemplativo, meditativo da idade pré-industrial, o leitor da era do livro impresso e da imagem fixa. O segundo é o leitor do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas sígnicas, um leitor que é filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos. O terceiro tipo de leitor é aquele que começa a emergir nos novos espaços incorpóreos da virtualidade.

Antes de caracterizar cada um desses tipos com mais detalhes, é importante ressaltar que, embora haja uma seqüencialidade histórica no aparecimento de cada um desses tipos de leitores, isso não significa que um exclui o outro.

O Leitor Contemplativo (Meditativo)

O leitor contemplativo ou meditativo desprende de aptidões singulares, ele não precisa do auxílio do outro. Sua leitura é isolada, silenciosa e paulatina, pois depende dele a seqüência de sua leitura. Ser responsável pela leitura proporciona a capacidade de ler e reler inúmeras vezes e da forma que melhor lhe agrada, sem restrições, sendo que, “*a leitura silenciosa criou a possibilidade de ler textos mais complexos*” (Chartier, 1999, p. 24).

Ao delinear esse tipo de leitor, Santaella (2004) volta seu olhar à leitura individual, solitária, de foro privado, silenciosa, leitura de numerosos textos lidos em uma relação de intimidade, de forma silenciosa e individual.

Ainda segundo a autora, esse tipo de leitor nasce da relação íntima entre o leitor e o livro, leitura do manuseio, da intimidade, num espaço privado. Acredita-se que, durante a leitura, a sua concentração se volta completamente para essa prática, visto que necessariamente envolve movimentos complexos:

“Envolve não apenas a visão e percepção, mas inferência, julgamento, memória, reconhecimento, conhecimento, experiência e prática”. “[...] Ler, então, não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal” (MANGUEL, 1996, pp. 49: 54)

Manguel (1996) e Orlandi (1996) consideram que a história de leitura do leitor determina seu grau de compreensão e interpretação na construção de outros sentidos. Sua bagagem cultural permite a intertextualização *“ler é cumulativo e avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes” (MANGUEL, 1996, p. 33).*

Na leitura do livro, essa dinâmica possibilita ao leitor conduzir a apreensão do conteúdo, adicionando sua inferência, consultando textos afins etc. Embora a leitura da escrita de um livro seja seqüencial, a solidez do objeto livro permite idas e vindas, retornos, resignificações. E o leitor contempla e medita à sua maneira.

O Leitor Movente (Fragmentário)

Um novo cenário foi decisivo e, notavelmente, cúmplice do leitor fragmentário, um leitor capaz de compilar diversas imagens e novas formas de ler. Com o surgimento, principalmente, do jornal impresso, ligado à nova conduta social de consumo e amparada na publicidade espalhada por toda a cidade que impulsionou outra óptica, outras formas de ler, porém nenhuma menor que a outra.

Com o advento tecnológico em expansão, com a introdução dos cinemas e a instantaneidade da televisão, quebrou-se um paradigma e surgiu um leitor que acumula características do perfil anterior “contemplativo”, mas que passa a ser também movente; leitor de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo.

Segundo Santaella (2004),

“É nesse ambiente que surge o nosso segundo tipo de leitor, aquele que nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos. É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel. É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais.” (Id. p. 29)

As habilidades do novo tipo de leitor são inquestionáveis, pois ele é capaz de conviver com diferentes signos, além da velocidade e da intensidade que as imagens circulam nesse universo. Santaella (2004) acredita que a flexibilidade desse segundo leitor abriu caminho ao tipo de leitor mais recente “o imersivo”, isto é, ele esteve preparando a sensibilidade perceptiva humana para o surgimento do leitor imersivo, que navega *“entre nós e conexões alineares pelas arquiteturas líquidas dos espaços virtuais”*.(p. 11)

O Leitor Imersivo (Virtual)

O leitor imersivo ou virtual, assim como citado acima, surge da multiplicidade de imagens sígnicas e ambientes virtuais de comunicação imediata. Esse novo tipo de leitor nasce inserido dentro dos grandes centros urbanos, acostumados com a linguagem efêmera e provido de uma sensibilidade perceptiva-cognitiva quase que instantânea.

De acordo com Santaella (2004), o receptor de uma hipermídia ou seu usuário coloca em ação mecanismos, ou melhor, habilidades de leitura muito distintas daquelas que são empregadas pelo leitor de um texto impresso como o livro. Por outro lado, são habilidades também distintas daquelas que são empregadas pelo receptor de imagens ou espectador de cinema, televisão. Essas habilidades de leitura multimídia ainda mais se acentuam, quando a hipermídia migra do suporte CD-Rom para transitar *“nas potencialmente infinitas infovias do ciberespaço”*. (p. 11)

Com a proliferação crescente das redes de telecomunicação, especialmente da internet que liga todos os pontos do globo, surge um leitor que possui novas formas de percepção e cognição que os atuais suportes

eletrônicos e estruturas híbridas e alineares do texto escrito estão fazendo emergir.

Nessa medida, Santaella (2004) não vê muitas diferenças entre os três tipos de leitores, porém há habilidades que os diferem. A sua pesquisa consistiu exatamente em conhecer e delimitar esse novo leitor, suas transformações sensórias, perceptivas, cognitivas e, conseqüentemente, também transformações de sua sensibilidade.

Sendo assim, para a autora a essa multiplicidade veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica e o leitor do texto escrito que saltou do papel para a superfície das telas eletrônicas. Esse leitor está transitando pelas infovias das redes, constituindo-se como um novo tipo de leitor que navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no ciberespaço.

Quem é o leitor do século XXI?

O leitor que nasce no século XXI possui aptidões perceptiva-cognitiva muito variada do leitor do passado. Esse novo perfil condiz com a necessidade e o acúmulo de informações que são despejadas pelos espaços-multimídia de informações instantâneas.

Embora na sala de aula, gradativamente, tem se incorporado esses novos modos de ler, porém não relacionado com o tipo de leitor contemporâneo, esse aluno que relaciona seu modo de ver o mundo, diversificadamente, e se comunica com a sociedade, a percebe descontextualizada, ou seja, em aulas tão pragmáticas que exigem certos domínios lingüísticos que são ultrapassados e/ou nunca foram apreendidos pelo novo tipo de leitor.

As habilidades que esse leitor desprende em grau podem ser parecidas com todas as competências praticadas/exercitadas pelos tipos de leitores anteriores a ele. No entanto, a sua necessidade lingüística de *Para quem me comunico? Quando me comunico? Em qual situação?* possui outra finalidade.

Assim, faz-se necessário que a escola, como instituição formadora dos cidadãos, que serão porventura futuros interlocutores da sociedade,

precisa diagnosticar qual o perfil do seu aluno e como ele se comunica por meio da sua língua, seja ela na internet, oralmente ou na escrita, impedindo o silenciamento da sua voz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática social de leitura sofreu e continua tendo inúmeras transformações, ou seja, não podemos comparar o modo de ler do século passado com o atual. Os modos de ler se modificaram e, então, cabe ao profissional de educação acompanhar essas transformações para que sua aula não seja desinteressante para os alunos. Ao mesmo tempo, ela tem uma historicidade, pois nem sempre se leu como hoje se lê e talvez nem se leia no futuro como se lê no presente.

O desinteresse pela leitura deve-se ao tipo de leitura exercitada na escola: uma leitura descontextualizada do interesse do aluno que o faz silenciar; Por essa razão, essa pesquisa tentou identificar que tipo de leitura o aluno faz durante suas idas e vindas na tela do computador e como o professor relaciona-a com a sua prática de ensino.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

CHARTIER, Roger (1997). *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

MANGUEL, Alberto (1996). *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Leitura*. São Paulo/Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 1996.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo*. São Paulo: Paullus, 2004.